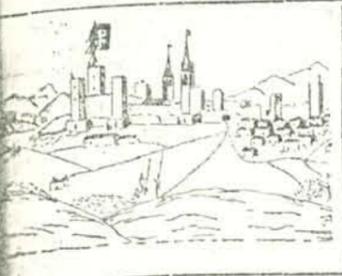


Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 — NISA

O TENENTE LIBERATO

DA VERDADE

Tribuna Livre

pelo Eng. PEREZ DURÃO

(Continuação)

Os homens são como são



vicieções, de caracteres abastardados e abúlicas vontades, a constância no martírio, a firmeza inquebrantável da fé luviada de um Homem que, acobrunhado pela morte da esposa e ignorando o destino de um filho, realista à sanha perfidamente atroz dos seus carrascos e, depois de cruelmente vergastado e espancado, depois de sofrer os horrores da fome, bem gravados no rosto os estigmas da doença, quasi esquelético, ainda tem força e ânimo para se enlevar na ideia da Pátria, que jamais deixou de estar presente no seu espírito febril.

Com o régulo timorense que afrontando a morte, se envolve do estendarte verde-rubro, documentando assim sua lusa fidelidade, o tenente Liberato, nos dias longos e trágicos da opressão nipónica, se deixou de ver flutuar ao vento dos trópicos a bandeira nacional, nunca deixou de trazê-la no mais íntimo do seu coração de português e de honrá-la e servi-la com extremos de abnegação e sacrifício.

São desse estofo moral, são dessa estrutura cívica, são dessa valentia estreme os verdadeiros heróis!

Um punhado de intrépidos lusitanos escreveu em Timor uma das mais refulgentes páginas da nossa história e nela, em letras de áureo relevo, ficou gravada a sua glória.

Conclue na pág. 2

Parecia-nos demasiadamente restricto, então, o seu campo de acção.

Mas a Química, a que têm chamado a «ciência da matéria» e que com Electricidade domina o mundo moderno, é ciência de importância capital. São extraordinariamente notáveis as suas conquistas no campo das possibilidades e até das impossibilidades (passe o termo que por impróprio o temos...).

Encontramo-la em todas as circunstâncias da vida e podemos dizer que tudo depende da Química. Tudo domina, até a natureza dos nossos pensamentos, porque ao homem em ascensão, ao homem em equilíbrio, ao homem em declínio, a terra dá, pelas plantas no seu ciclo, mais ou menos riqueza em fosforo e azoto, a maior ou menor intensidade de reacção, claro, no campo estrito da materialidade.

Terá, pois, sido nesse sentido, com experiência e observação, que o Prof. J. Richey — citado por X no seu *O Corpo e a Alma* — terá construído a sua alçada concepção de alma e corpo em união indissolúvel, quando nos diz: «...alma desaparece desde que o sangue deixa de irrigar as células nervosas do encéfalo e esta morte da alma, tão súbita e tão extraordinária,

(Conclui na página 2)

Poucos são os homens que mantêm — e ainda menos os que aumentam — o crédito que lhes abrimos na nossa confiança ao conhecê-los.

Um velho professor de terapêutica terminava assim a sua prelecção sobre as virtudes da beladona que, segundo aconselhava, me recem sêr bem conhecidas: — «Digam-me cá, meus senhores, se podemos dizer a mesma coisa da maioria dos homens!».

Com efeito, poucos são aqueles que não nos desiludem.

Prometer aquilo que não se sabe poder cumprir ou mesmo aquilo que se sabe não poder cumprir, falhar com indiferença ou desfaçatez e fazer-se esquecido, doirar interesses inconferidos com amostras de simpatia, fazer crêr o que não é, mostrar-se mal agradecido, são coisas lidas por interessantes ou sem importância para o comum. São tristes sinais do tempo em que vivemos!

E é por estas e por outras que a verdadeira amizade é exigente.

Dizia-me alguém recen-

temente: — Fulano meleu-se com uns aldrabões e agora sófre as consequências. E acrescentava convicto:

— E felizmente que há aldrabões!

— ...?!... — Como assim?

— E' que, se não houvesse aldrabões, a seriedade tornava-se corriqueira, banal, d'uma monotonia desagradável... E assim é a excepção!

O seguinte conceito de Gilbon merece ser meditado: o homem educa-se de duas maneiras; uma por meio dos outros e a outra, muito mais importante, por

Conclue na página 2

Gazetilha

Consta em Nisa — e é verdade que, dentro em pouco, aos montes,

chegam ai uns «peixões», de bem boa qualidade, p'ra matar a saciedade, como na guerra de Troia, onde, de peixe, nem «boia», onde, de azeite, nem «fio». Vem ai cada safio mais grosso que uma gibóia...

SUMATRA DE LEMOS

TOMA LÁ CEREJAS...

Por SINGAPURA GASPAR

Segundo o velho costume português, a casa é tudo. Opulenta ou humilde, confortável ou em estado de miséria, ela é o lugar onde, normalmente, se devem retemperar os nervos e o cérebro, para novas lutas, para novas caminhadas. Antero de Figueiredo numa das suas obras, «Jornadas em Portugal», faz, com recursos de mestre, uma verdadeira apologia do lar; e Raúl Lino, na «Casa Portuguesa», escrevendo um admirável prefácio, dedicou-lhe das melhores palavras, acompanhadas de belos modelos gráficos, devidos à sua genial veia de artista.

Os ingleses, que têm um fervoroso culto pelo lar — e é lêr o que escreveu Charles Dickens nalguns dos seus livros — dizem: «Home, sweet, home; there is no place like home».

Ali se passa uma grande parte da existência, pois que até os relapsos a procuram, quanto mais não seja para dormir.

Para comer, para descansar para tudo enfim se procura a casa. Quem não experimentou ainda os tormentos dos sapatos apertados? Todos os conhecem; tanto mais que todos têm o seu calo, por pequenino que seja. Que sensação de alívio, que gozo infavel, quando se chega a casa e se buscam os velhos chinélos!

Temos a impressão de remoçar como se fizéssemos uso constante de productos «Tokalon» ou de outros semelhantes artefactos de beleza.

Além disso, o lar é sem dúvida, depois do cemi-

tério onde se está mais descansado e onde se podem usar das maiores prosápias, excepto «em casa do Gonçalo onde manda mais a galinha do que o galo». E assim, «cada um em sua casa é rei».

Rei? Sim, mas, hoje, é rei destronado, rei de opereta, com quem os lacaios já falam no à vontade do «tu cá, tu lá».

Não há ninguém que não bata à porta, que não nos pretenda avassalar a e sa, desde o pedinte que busca o negro pão comido com tristes lágrimas, até ao rapaz que vende «pó para a loiça, até às visitas galantes, perfumadas e aerodinâmicas que a maior parte das vezes entram e ali estabelecem arraiais, com delongas de enfurecer o mais sereno.

Rompe a manhã. Truz, truz; batem à porta. Quem é? — Oito horas, truz, truz; batem à porta. Quem é? — Nove horas: Dez horas: Onze horas; E assim por diante, durante todo o santíssimo dia, até às cinco horas da madrugada, quando o vizinho que volta para casa já «quente», se engana no número da porta. Isto é o trivial, como a panela de cosido e as sopas de tomate. Mas de longe em longe lá aparece o seu saltapocinhas que vem pedir empenhos, para não ir para a tropa, que lhe arranjem emprego, para tudo do mais imprevisito e tólo que possa imaginar-se; até para lhe pedirem que trabalhe de graça, «Home, sweet home; there is no place like home».

Mas não é cá.

10-26800. ...
... e Extra...
... escimo d...
... tituem o...
... ou não p...
... a colabo...
... e sollicita...

re Corde

jeitar a m...
cirúrgica...
acompa...
na, o Sr...
o Cordeir...
nosso e...
se».

ação lbe...
s felicidade

istre

ndido M...
gado na...
entejo, qu...
posto de s...
ceira, foi...
lerosa de...
fortemente

érias

suas be...
encontra...
timado as...
rigues Sal...
rio da «FN...
imprimen...

ional, scri...
o vosso p...
qualquer...
tido.

ois, fazend...
s de que, f...
ejais no la...
submissos...
serdes ex...
amilia que...
égide da

o porte, na...
pertenceis...
erene afirm...
pela prática...
as virtudes

m contribu...
autoridade...
dem tudo...
e assim firm...
nacional, n...
ade do to...
verdade cim...
e sob o sig...
ade temper...
ismo de Nu...
lade que D...

sob os aus...
aculada; a...
peridade qu...
dial, fizeram...
nica mansa...
tura entre o...
r calamida...
los,

orações ao...
tos no láb...
andeira nac...
da fora firm...
tornar ma...
sa querida

la vossa fé...
dos vossos

que a flaa...
uz do saber...
de vos torne...
os bravos, de...
santos, cuja...
maltam as p...
a da históri...

A NO «CORRI...
QUE CIRCU...
DO O PAIS...

... de detóradas con...

ANTOLOGIA

«Semper»

por JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

Adeus, fica te em paz Alcina amada,
Ah! sem mim sê feliz, vive ditosa;
que contra os meus pesares invejosos
a fortuna cruel se mostra irada.

Tão cedo não verei a delicada,
a linda face de jasmim e rosa,
o branco peito, a boca graciosa,
onde os amores têm gentil morada.

Pode, meu Bem, o Fado impiamente,
pode negar de te gozar a dita,
pode da tua vista ter-me ausente:

Mas, apesar da misera desdita,
de tão cruel partida, eternamente
na minha alma viverás escrita.

O Tenente Liberato

(conclusão)

rã para sempre memorável o nome do tenente António de Oliveira Liberato.

Quando, dentro em breve, esses valerosos pioneiros da liberdade e integridade pátrias pisarem terra do continente, a alma nacional deve ir ao seu encontro e recebê-los em estré-pitos da mais calorosa ovação, numa apoteose em tudo digna do seu desmedido esforço, da sua bravura, do seu ardente e inextinguível patriotismo. Que, por onde quer que eles passem sob as auras suavíssimas que descem das serras e campinas de Portugal, todos os corações estremeçam de júbilo, todos os peitos se dilatam de rendida gratidão, as palmas os saúdem, os sinos repiquem festivamente e toda a nossa terra viva em perene aleluia!

Não são apenas os nossos irmãos que regressam, são os executores da gesta mais gloriosa e profícua:—os que as suas dores, com a sua inenarrável odisséia, reganharam a independência de um pedaço do Império, os mensageiros dos mortos que lá ficaram, vítimas do mais hediondo e inextinguível morticínio.

Nisa, além do sentir comum a todo o país, tem razão especial para aguardar com alegria o regresso dos oficiais e soldados que o Angola traz para a metrópole.

O tenente Liberato viveu alguns anos nesta vila, como comandante da Secção da Guarda Nacional Republicana. Pelo seu trato afável, correcção do porte e outros apreciáveis predicados, era aqui muito estimado. Militar brioso, soube sempre honrar a sua farda. Incapaz duma vileza, vivendo apenas para os afectos da família e para o culto da profissão, não foi sem mágoa que os seus muitos e dedicados amigos viram sair de Nisa para ir, como expedicionário, para a mais longínqua das nossas colónias.

Foi, portanto, com o maior interesse e o mais vivo pesar

João do Rio e Olavo Bilac

Dois grandes escritores luso-brasileiros vão ser lembrados em Lisboa. Referimo-nos a João do Rio e a Olavo Bilac: o primeiro terá o seu busto na Praça do Rio de Janeiro. O segundo será memorado com um medalhão no jardim que tem o seu nome. A Câmara Municipal de Lisboa já votou as verbas destinadas a esse acto de tão grande significação espiritual. Honra das literaturas de língua portuguesa estes dois escritores vão ter, agora, a consagração oficial e pública que merecem.

Caixa do «Correio»

X—Tribuna Livre — Algures — Vamos enviar os jornais.

Quanto às perguntas a que se refere, creia que o Inquiridor, «de cá, não leva nada». Esteve aqui na Redacção e atacou a fortaleza, mas esta resistiu; e resistirá...

Não há «sentenças condenatórias», «inter amicos».

que todos tivêmos conhecimento, pelo «Século», das agruras, dos transeos amaríssimos por que passou nas remotas paragens de Timor. Mas foi também com o maior regozijo que soubêmos ter sobrevivido a todas as torturas e vir finalmente a caminho da sua terra, para nela usufruir o descanso a que tem direito e retemperar as energias consumidas em serviço da nação.

Daqui o saudamos efusivamente, enquanto não nos é permitido abraçá-lo e felicitá-lo como autêntico valor da nossa raça, como português, «em desdouro, digno de ser inscrito entre os «barões assassinados» que, desde o Infante Santo, batalharam e sofreram para mantermos, intacto e em plena soberania, o vasto e rico património de além-mar.

J. FIGUEIREDO

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

MORREU Da Verdade

(continuação)

Afonso Lopes Vieira — cantor da alma lusitana, poeta do coração infante, animador iluminado do teatro vicentino, entusiasta camoneano, amoroso impenitente do culto de Inês — repousa no silêncio do túmulo, para um sono eterno.

Espírito cavaleiro de rijos torneios, bateu-se galhardamente por sua dama: a Poesia! Doente insatisfeito de uma perfeição, terçou armas por sua dama: a Beleza!

Cantor da alma lusitana, seus versos têm Altura, tocam o Sublime, prolongam-se na Vida. O Poeta não louva a alma das coisas dos poetas panteístas, porque o verso é perfeito em seus propósitos: canta lusitadamente. Assim o fizeram também irmãos mais velhos do Poeta — os trovadores de «Verde pino» e «Senhor meu amigo».

Por isso, em verdade, se pode afirmar: morreu um poeta como os de antanho, que era um grande português.

Tribuna Livre

(conclusão)

si proprio. A introspecção aconselha a pelo moralista inglês pouco praticada: a educação deficiente, os instintos descontrolados, a rotina, o conformismo, a preguiça e as influências tantas vezes nefastas do meio em que se vive, bastam para as necessidades d'uma vida por assim dizer vegetativa, sem horizontes espirituais e sem relêvo moral. Donde vem que muitos dos que usam gravata e mesmo alguns dos que conservam preciosos pergaminhos cresceram como nasceram e assim continuam vivendo no estado acstral, quere dizer selvagem.

Os homens são pois como são e vão como seria desejável que fossem!

A eles temos todavia que nos adaptar para não andarmos constantemente aos encontrões (bem bastam os indispensáveis...) e para não cairmos na solidão de alma, no isolacionismo perigoso a que alguns — delicados ou enojados — contundo recorrem!

A eles temos que adaptar-nos dentro, bem entendido, dos limites da honestidade e da decência.

E não nos cansemos de procurar, na gama infinita de tonalidades que se oferece ao nosso exame, les oiseaux rares que nos darão o prazer não menos raro de podermos acordar-lhes a nossa confiança e de recebermos a sua em troca. Porque os há, puros, dignos, nobres, ainda que incompreendidos ou mal revelados.

X.

Ridendo

(continuação)

diz-nos que é impossível não pensarmos que um fenómeno que se submete tão rigorosamente às leis da fisiologia, não pode ser senão de ordem físico-química.

Parece-nos demasiadamente evidente o fenómeno para que o acétemos nesta sua simplicidade.

É certo que ao encararmos o presente sômos levados a prever—no âmbito das ciências físico-químicas—um futuro de maravilha que assombra de momento pela vastidão e pelo imprevisível, mas que encontra apoio e terreno certo de possibilidades no realizado e no muitíssimo a realizar pelo desejo maior que o muito traz em si de muito mais. E tal fé anima o homem que não vai parar.

Dizia Goethe «que para saber alguma coisa era preciso saber tudo», e como tudo é a Verdade... nada sabemos.

Referindo-se o ilustre homem de ciência Louis de Launay, numa das suas conferências, ao progresso das ciências e em geral, caracteriza deste modo a sua evolução: «A primeira impressão, quando nos dedicamos à ciência é de que existe um grande núcleo de conhecido».

Mais tarde tendemos a reconhecer, pelo contrário, que o conhecido é superficial, na periferia, e que o campo profundo do desconhecido, se não impossível de conhecer, constitui o centro. O progresso contínuo da ciência prova por si próprio que a ciência nunca é definitiva... Sim, a nossa ciência é imperfeita e provisória. Apresenta tantos problemas quantos resolvo. Não nos dá a certeza sonhada, nem o aperfeiçoamento da humanidade, nem a paz entre as nações; Mas distingue-nos dos fenómenos que nos cercam e assegura-nos moralmente superioridade sobre eles... Com os elementos de que acabo de apresentar as imperfeições, obtemos resultados

Nisa, a terra dos Denizes. Como diz certo sujeito: «Que para a boa piada está sempre de peito fêto». Anda bastante irritada. Tem de tapar os narizes. Para evitar a pitada. Duns perfumes esquisitos. Que, de noite, em bafos vêm de certos bécositos. Lá da vila amuralhada.

Terra de águas abundantes. Águas que correm em Sob altos jorros de luz. (O que não havia dantes). Precisa de mais esgotos. Para evitar que os arrores. De perfumes esquisitos. Que há em certos bécositos. Pôbresinhos e infelizes. Venham ferir os narizes. Dos bons e honrados.

— Eia, avante, bons narizes. Eia, avante, não temer! Pela santa higiene. Triunfar ou parecer! Gritai até ficar roucos. Arrancai como leões. E marchai audazes, lo. Contra todos os canhões. Que é belo morrer na. Pelo bem da nossa terra.

aproximados, suficientes exactos entre os limites operamos, e estas aproximações sucessivas parecem crescer uma curva, se a gente, pelo menos assim, verdade».

Sim, aproximamos a verdade, mas se a atingirmos definitivamente que nos exista na ciência, são os progressos da que em si próprios o germe do afastamento indefinito, que no-lo nam.

Sim, aproximamos a Verdade, atingindo as relativas e absolutas são, mas a Verdade...

(Continua no próximo)

EDITAL

Francisco Mourato Peliquito, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Nisa.

—Faz público, em execução do artigo 14.º do Regulamento de Posturas em vigor, que são obrigados os proprietários dos prédios e sítios nas vilas de Nisa, Alpalhão, Amieira, Arez, Montalosa e confinantes com a via pública, a mandá-los cair até ao fim do próximo mês de Maio sob pena de multa de 25\$00 (vinte e cinco mil réis) por metro quadrado de área, nos termos da alínea c) do art.º 40.º do referido Regulamento de Posturas.

E para constar se passou este Edital de igual teor que vão ser devidamente publicados nos lugares mais públicos e de conhecimento de todos os cidadãos da Vila de Nisa e Secretaria da Câmara Municipal, 8 de Janeiro de 1946.

O PRESIDENTE

FRANCISCO MOURATO PELIQUITO

aria. Vinho
rios para
loveja. Ager
Pneua em
Aparelho
«Zaitb»
NIS

vanesa do
as e Ferr
Solos
bicicletas e
da República, 1

Mário Diniz
MERCEZ
IDEZ
go de 5 de
NIS
e Me
da Compa
TAGUS. De
Livraria

& Irmão,
TELEFONY
UGAR CE
LUIZ DA A
PANAS

as melh
ortallças e
de Serpa P
LEON

Quonla Fu
DE
R. Mai
socialidade
de, desde o
mal-luxu
e todos os
prais.

Dr. Francis
NIS
Lactaria
LUIZ DE A
PANAS

ca da e
ortido. C
radiado
de Jopa Vela,

050

com da e
Marcel
e PERM
comentes
aparelh
proceder
aparelh
proceder
Sigan
para
Francisco

de 194

050

050

050

050

050

Anúncios—1\$00 cada linha, segundo o linômetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—\$50. Numeros atrasados: 1\$00. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00 continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo portos. Não se restituem gins quer sejam ou não blicados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

PRIMAVERA

A. M. A.

Pudera eu guardar, avaramente,
As tuas dezanove primaveras,
Assim modestas, lindas e sinceras,
Num relicário d'ouro eternamente...

Sustentá-las de luz e de quimeras
Enquanto o Tempo fôsse, irreverente,
Cobrando-te a cabeça, lentamente,
De alvas madeixas, niveas e austeras...

E então vereis, tu, que tens vontade,
Segundo dizes, de ser já velhinha
—Como se, de verdade, tal quizeras,

Como virias, morta de saú lade,
Pedir-me, suplicante, pobrezinha,
As tuas dezanove primaveras!

Nisa, 30 de Janeiro de 1946.

António André Diniz Porto

Os «Lusíadas» vistos no Brasil

Tito Lívio Ferreira publicou em «O Estado de S. Paulo», um artigo sobre a «História Poética do Brasil», quasi todo dedicado a Camões. Citando a opinião de Montesquieu que colocava o nosso glorioso épico na lista dos maiores poetas do Mundo, Tito Lívio Ferreira, crítico de nome firmado há muito sustenta com Schlegel que «Camões é o cantor da civilização ocidental» e escreve:

«Para Georges Le Gentil, Professor de literatura luso-brasileira na Universidade de Paris, «Camões é o artista mais completo da Renascença».

(«Camões» — Les Cent Chefs — d'Ouvre étrangers — Paris 1924). Edgar Quinet em «Le Génie des Religions», tomo I, das Obras Completas, declara: «Este poeta é Camões que abre à imaginação as portas do Oriente; o poema é os «Lusíadas» que reúne, a todos os perfumes de Portugal, o ouro, a mirra, o incenso do Levant, embebidos tantas vezes em lágrimas do Ocidente. Pela primeira vez o génio da Europa deixa as praias do Mediterraneo e penetra os Oceanos da vetusta Ásia. Sem dúvida as lembranças da Grécia e do mundo cristão acompanham o poeta aventureiro em meio das ondas que nenhuma quilha sulcara antes».

Velhos Dizeres

De Todos-os-Santos do Natal, é bom chover e melhor nevar.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Edital

Joaquim Alberto Miranda da Silveira Mulheiro, Engenheiro Chefe da 4.ª Circunscrição Industrial;

Faz saber que: Manuel Maria Sales, pretende licença para instalar uma oficina de olaria na Rua Visconde do Vale da Sobreira n.º 40, freguesia do Espírito Santo, concelho de Nisa, distrito de Portalegre, incluída na classe 2.ª da tabela 1, com os inconvenientes de fumos

—Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incomodas, perigosas e tóxicas, aprovado pelo decreto 8.364 de 25 de Agosto de 1922 e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Evora na Praça do Geraldo n.º 69.

Evora, 4.ª Circunscrição Industrial, 26 de Janeiro de 1946.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição

Joaquim Alberto Miranda da Silveira Mulheiro

PARA ASSINAR ESTE JORNAL BASTA REMETER À REDAÇÃO UM VALE DE CORREIO DE VINTE E SEIS ESCUDOS.

Edital

Virgilio Salvador Ricardo da Costa, Engenheiro Chefe da 4.ª Circunscrição Industrial;

Faz saber que: João António do Rosário pretende licença para instalar uma oficina de ferreiro na Rua de S. Pedro, freguesia de Tolosa, concelho de Nisa, distrito de Portalegre, que confronta pelo Norte com casa de Alberto Maria da Costa, Sul e Nascente com rua pública e do Poente com quintal de Joaquim Pedro de Matos, incluída na classe 2.ª da Tabela 1, com os inconvenientes de barulho, trepidação e fumos.

—António Carrilho Marques, pretende licença para instalar uma fábrica de telha e tijolo, em Monte do Pardo, freguesia de S. Simão, concelho de Nisa, distrito de Portalegre, que confronta por todos lados com terreno do requerente, incluída na classe 3.ª da tabela 1, com os inconvenientes de fumos

Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incomodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, e dentro do prazo de 30 dias contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Evora na Praça do Geraldo n.º 69.

Evora, 4.ª Circunscrição Industrial, 31 de Dezembro de 1945.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição

Virgilio Salvador Ricardo da Costa

Língua Pátria

SEMATOLOGIA

Pelo Dr. Carvalho Costa

—CORTE:— Do lat. cohortem e este significava a capoeira, o curral, o aprisco onde se juntam e dormem os animais, e, em sentido translato, uma companhia de soldados. A rudeza dos antigos bárbaros, e da comitiva que os cercava, fez com que tanto esta como o lugar onde residiam os reis se designassem por aquêlê vocábulo, que no léxico português se encontra representado por duas formas divergentes:—Côrte de reis e príncipes (no pl. côrtes dos representantes da Nação), e côrte dos animais. Da primeira destas formas há os derivados cortsês, cor-

«Maior contraste»

Em cada sol vai uma escuridão!
Em cada gorgear há um lamento!
Em cada forma a côr dum pensamento!
Em cada ideal seu quê de fulho e vão!

Em cada «declinar» poisa uma infância!
Em cada calix d'ouro uma amargura!
Em cada sonho um quê de desventura!
Em cada perto um longe de distância!

Resume desamor tôda a paixão!...
Em cada passarinho, em cada aurora
A vida ri e canta... a Morte chora!

...Mas não será, oh ceus! Maior contraste
Que desacôrdo assim, tão sêca haste
Dê tal flôr d'harmonia!—A Creação?!

JOÃO GRACIA

Parar é Morrer

A verdade que estas palavras exprimem, só por si era suficiente para categorisar duma maneira clara e simples a afirmação que nelas vem expressa.

Assim, se atentarmos bem em tudo aquilo que á face da terra nos aparece, veremos com relativa facilidade as transformações que imediatamente começa a sofrer um pequenino embrião propulsor duma vida, iniciando essa carreira vertiginosa que é a própria vida.

Mas por outro lado, o movimento, a acção e a energia como condições absolutamente necessárias á existência e sem as quais o próprio ser ficaria inerte, impõem-se-nos como uma força inexpugnável e imperativa implindo tudo o que se opõe ao nada emprestando-lhe algo de impulsivo e de incessante.

Por consequência tudo o que existe ou é susceptível de existir, possui essa maravilhosa faculdade êsse poder oculto, que inerente a tôdos os corpos lhes permite a transmutação de potência a acto.

Sómente o nada permanece, êsse aflitivo e eterno nada que nos fustiga com a sua imutabilidade indiferente.

Contudo não parar, não desistir, prosseguir sempre eis o lema, o grande lema. E o homem não para, não descança, antes pelo contrário continua infatigável e persistente, lutando com afã para atingir o ideal nobre que lhe invade a alma como luz brilhante duma aurora radiosa.

E á medida que êsse labôr

lêsmemente, cortesão, cortesia, cortejar, cortejo, etc.; da segunda temos o diminutivo cortêlho. (Vid. A. G. Ribeiro de Vasconcelos, Gramática Histórica da Língua Portuguesa, pág. 89.

(Continua)

árduo mas proficuo graças aos vigorosos e esforços daquêles olhar a canseiras nem se fecham no silêncio binete trabalhando intamente, a humanidade Grand-Être» no dizer Comte, ascende mais grau na escala de val progresso.

Não esqueçamos no que um grande número infatigáveis construtores futuro melhor parece momento em que viajar a esplendorosa e imagem da victória.

Mesmo assim o cientista sem cessar nas vestigações, interroganteza, procurando o no seio dela um fact que sirva de guia aos iluminando-lhe as de constantemente tro

E' neste imperturbável silêncio, que o verdadeiro mem da ciência se com ao momento em que sua glória e vendo corêxito as experiências mostra ao Mundo o seu sua paixão científica.

Constantemente nas novidades e invenções a evolução dos tempos coisas tornam antigas já existentes.

A insaciável sede gressa como que he transmiti-se e de geração de época vai avolumando cada o seu repositório de tas, rasgando novos tes e desnudando segredos da natureza

E é nesta ansiedade que o homem curando a tôdo o traçar a perfeição.

Arês - 1946.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CUSTE EM TODO O PAIS